

## **REZA: MEMÓRIAS CORPORAIS DE UMA PRÁTICA POPULAR RELIGIOSA NA COMUNIDADE DO TERREIRO BATE FOLHA EM SALVADOR**

Carolina Luisa Bastos Santos<sup>1</sup>  
Daniela Maria Amoroso<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho traz o universo das rezadeiras como uma prática popular religiosa na comunidade do Terreiro Bate Folha em Salvador. A pesquisa vai partir dos saberes que essas mulheres carregam no seu cotidiano, que é a arte de rezar, reconhecendo a importância de uma prática ancestral de tradição e fé dentro das comunidades de Terreiro de Salvador. O estudo busca revelar de que forma essas mulheres desenvolveram esses saberes em contato com suas vivências de religiosidade e fé. Essas mulheres que rezam, detêm um saber popular de tradição, que resisti a todo um sistema sócio-político-cultural que desqualifica esses saberes da medicina popular. Dessa forma, mergulho no universo das rezadeiras atuantes nas comunidades de Terreiro, possuidoras de conhecimentos que garante a saúde do lado físico e espiritual que acomete o doente, trazendo a sua cura. Busca-se ressignificar os gestos e a oralidade do corpo que reza e que é rezado, revelando o poder das folhas no sagrado, como prática de limpeza do corpo com mau olhado. Procuro identificar o que me atravessa, me afeta e me move, recriando os saberes da tradição através de experimentos que tenha o enfoque na memória, oralidade e ancestralidade, dando espaço para a inventividade e valorizando elementos da cultura de matrizes afro brasileiras presente na reza. Considerando diversos aspectos: corporais, plásticos, simbólicos, artísticos e histórico-sociais. Estar envolvida em pesquisa de campo e em vivências cotidianas revela nesse trabalho a resistência de uma cultura negra em forma de arte.

**Palavras-chave:** Tradição. Corpo. Memória. Ancestralidade. Rezadeiras.

A prática da reza como medicina popular nas comunidades é realizada em diversos espaços e situações diferentes (casas, terreiros, barracão) e por pessoas que trabalham pra curar (benzedoras, rezadeiras, feiticeiros, curandeiros). Meu interesse está nas rezadeiras que fazem parte das comunidades de terreiros de candomblé de Salvador, mas a princípio do Bate Folha em que sou iniciada. O termo rezadeira, que é o meu foco de pesquisa, define tanto a mulher que realiza a cura através de benzimentos, assim como identifica a prática da reza. É comum encontrar nas literaturas vários termos para definir as mulheres que rezam. Câmara Cascudo(2001), por exemplo, as define no Dicionário do Folclore Brasileiro: “Mulher

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso Mestrado em Dança do Programa de Pós-Graduação em Dança – UFBA. E-mail: clbsantos26@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Professora da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia (2010), Pós-doutora pela Université Paris 8-Saint Denis (2015/2016) com o projeto de pesquisa: O passo nas danças populares brasileiras: corpo, etnociologia e criação, Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia - UFBA (2009). E-mail: daniamoroso@hotmail.com

geralmente idosa, quem tem poderes de cura por meio de benzimento. (CASCUDO, 2001, p.587)

A medicina popular oferece no nosso cotiando resultados para as doenças e mazelas vividas por pessoas nessas comunidades. Ela fortifica as relações, aproxima e traz ajuda e solidariedade entre as pessoas. Além do que, algumas rezadeiras não cobram a reza. O que pode acontecer é, na última reza, leva-se um pacote de vela para fortalecer o anjo da guarda (o santo) da rezadeira. Reza é caridade. O que torna uma medicina mais barata e acessível.

O que as tornam rezadeiras? Um dom? Uma necessidade? Uma curiosidade? Essas perguntas vêm à tona na pesquisa por vivenciar na minha infância todo processo da prática da reza. Uma prática de resistência política e cultural aprendida no convívio cotidiano, e que faz parte da minha história ancestral e evidente de alguns grupos sociais. Outro aspecto importante a ser investigado é a sobrevivência dessas rezadeiras, e do ato de rezar e suas relações dentro da cultura popular; por que é através desse ritual de cura que é fortificado a relação entre pessoas.

O que me move nessa pesquisa é a força e a fé que é passada através das palavras no momento da reza, que faz curar. As folhas sagradas revelam um poder sobre a cura como prática de limpeza do corpo. O tratamento com as plantas, a fé, o carinho é que traz cura. Na pesquisa foco também a dor e o sofrimento vivenciados na memória do corpo com mau-olhado, considerando o processo da transmissão do saber das rezadeiras em suas vivências na comunidade.

A pesquisa busca dar atenção ao olhar e reflexão sobre as práticas do rezar, presente nas comunidades de terreiros de candomblé de Salvador. E nesse sentido, valorizar esses costumes de manifestações culturais na contemporaneidade. Essas mulheres que rezam, detém um saber popular de tradição, que resisti a todo um sistema sócio-político-cultural que desqualifica esses saberes. Dessa forma, mergulho no universo das rezadeiras atuantes nas comunidades, possuidoras de conhecimentos que garante a saúde do lado físico e espiritual que acomete o doente, trazendo a sua cura. Geralmente as folhas utilizadas para o “*milagre*” da cura do mau-olhado são: arruda, guiné, alecrim, alfazema dentre outras.

O que me impulsiona é a memória inscrita no meu corpo, em especial a reza da qual minha vó paterna Elza Maria (*in memorian*) me rezava e me curava de mau-olhado. Quando criança tinha problemas que afetavam o meu estado físico e espiritual, e naquele estado de corpo apenas minha vó me concedia o milagre da cura, pois, nenhuma doença patológica era diagnosticada pelos médicos. O foco da pesquisa está nas rezas para o mau-olhado. Uma

doença que desestabiliza o corpo aos poucos, podendo leva-lo à morte, caso essa pessoas não seja rezada.

O ‘mau-olho’, ou ‘olho ruim’ faz com que a pessoa fique abatida, boceje, fique fraca. Para Cascudo (1978) “o mau-olhado mata devagar, secando, como se a energia vital se evaporasse lentamente”. (CASCUDO, 1978, p.73). E ainda em Loyola (1984) “doenças provocadas pela força negativa de um olhar ou de um sentimento (doença-de-mau-olhado).” Na maioria das vezes a reza está ligada à orações da Igreja Católica, com algumas palavras de difícil compreensão, que são sussurradas, ou resmungadas. Essas rezadeiras detêm de um conhecimento que é tradicional, são especialistas da cura, mas mesmo assim continuam sendo inferiorizadas pelo saber da medicina científica.

Nasci no bairro de Cajazeiras em Salvador, e na minha casa tinha um pé de alfazema enorme na área da frente. Eram com os galinhos da alfazema que minha vó me rezava e que também fazia banhos macerado que saiam delas, para banhar meu corpo. Tinha um corpo esguio, abatido, quase morto, sempre na cama, os olhos revirados. Além de vômitos, suor frio, gosto amargo na boca. Todos esses sintomas me deixavam inerte, dilacerada.

Minha vó teve educação católica, mas frequentava mesmo era o candomblé, filha de santo do Terreiro Bate Folha (*Mansu Banduquenqué*). Fica situado na Rua Dionísio Brito Santana, antiga Travessa São Jorge, n. 65-E, bairro da Mata Escura do Retiro, é o maior da cidade em termos espaciais e um dos mais antigos em atividade. Fundado em 1916, por Manoel Bernardino da Paixão, ou *Ampumandezu*, ocupa uma área de 14,8 hectares, pertencente à Sociedade Beneficente Santa Bárbara, que o representa civilmente. É dedicado ao *Inquice Bamburucema*, equivalente a Santa Bárbara entre os santos católicos e a Iansã nos orixás. Atualmente conduzido por Cícero Rodrigues Franco Lima, Tata Muguanxi, é um candomblé Congo-Angola de tradições Bantu, que completou 100 anos de existência, em dezembro de 2016.

Os terreiros de candomblé contribuem evidentemente para salvaguarda, manutenção e transmissão das culturas africanas no Brasil. As comunidades de terreiro se configuram enquanto instituição, como portadora de uma identidade social que vai desde a preservação da memória, o respeito aos mais velhos, o cuidado, e além de tudo o equilíbrio entre o corpo e o espírito por meio das divindades.

A experiência com o coletivo que leva ao conhecimento compartilhado, que é passado de geração em geração, produz um grande valor simbólico-religioso em que os saberes praticados por essas mulheres compõem significados. Nesse contexto, o papel das

comunidades de terreiro é essencial para valorização da identidade, lugar de resistência, memória e principalmente no que se refere ao pertencimento e defesa dos interesses da preservação das tradições.

Geralmente o dom da reza é passado de geração em geração, ou até mesmo aquelas pessoas já nasceram com o dom de rezar, ou por curiosidade, a fé e prática vão se aprimorando com o tempo. Torna-se importante pesquisar o ofício das rezadeiras nas comunidades de terreiro de Salvador, para constatar a realidade, entender o fenômeno dessas práticas, e principalmente investigar se existe o desaparecimento desse saber popular tradicional.

Minha vó Elza Maria (*in memorian*) aprendeu a rezar com minha bisavó Bárbara Maria (*in memorian*). Ao terminar de me rezar jogava os galinhos das folhas de alfazema portão a fora, na rua. E segundo ela, se após jogar, passasse um homem, eu tinha levado olhado de homem, ou se uma mulher, olhado de mulher. É necessário que esse ritual de reza seja três dias seguidos, pra que todo mal seja curado. A reza está dentro de cada um de nós. Nesta prática tem que haver fé dos dois lados, quem reza e quem é rezado, para a cura acontecer.

Dentro de mim ecoa vozes, cantos, cheiros, sensações que me permitiram investigar esses saberes de tradição popular da minha bisa passado pra minha vó. Elas me fazem lembrar o livro de Ana Maria Machado, Bisa Bia, Bisa Bel onde ao ler o livro, viajo no passado carregado de memórias, nas lembranças, nas histórias ancestrais, para o que não vivi. O tempo passou e a voz dessas mulheres me dá força para descobri o que está dentro de mim. Minha dança, meus desejos, minha cultura.

*Reza para mau-olhado:*

*Com dois te botaram, com três eu lhe tiro, com os poder de deus e da virgem Maria! Fulano de tal quem pra te olhou com os olhos malvado, vou jogar nas ondas do mar sagrado. Se é no seu comer, no seu olhar, no seu cabelo, na sua roupa, no seu andar, no seu vestir, no seu dormir, vou jogar nas ondas do mar sagrado. Rezar: Pai nosso/Ave Maria/Santa Maria. (Domínio público.)*

O mistério da reza e as memórias inscritas no meu corpo me atrevem a mergulhar nesse universo ancestral. A cura se dá através da fé e força que vem de dentro da rezadeira, a energia que ela transmite na oralidade, nos gestos.

De que forma somos tocados sobre o que nossos mais velhos nos contam? Percebo que as experiências vividas pelos nossos ancestrais influenciam as novas gerações no fazer, no repertório de vida, no caminhar. As marcas ficam inscritas no nosso corpo, nas relações que estabelecemos, e nas transformações enquanto sujeitos.

Estamos inseridos numa cultura de encruzilhadas, como aponta Leda Martins (1997) em seu livro *Afrografias da memória*. Uma cultura que se faz plural, do movimento, que integra saberes. Tudo que nos é passado nos saberes da tradição é através da oralidade e vivência com os mais velhos, no que deixaram pra nós. E como isso nos influencia? E o que fazemos com isso? São perguntas que vamos desvendando na nossa trajetória. Se reconstruindo, reformulando e reinventando os saberes das culturas de tradição.

Na literatura, o termo *rezadeira* tanto qualifica a mulher que realiza a cura através de *benzimentos*, como pode remeter à prática da reza. Nesse sentido, é comum encontrar, na literatura que trata sobre esse tema, várias formas usadas para definir as mulheres que rezam. Câmara Cascudo (2001), por exemplo, assim as define no seu *Dicionário do Folclore Brasileiro*: “Mulher, geralmente idosa, quem tem ‘poderes de cura’ por meio de benzimento”. (CASCUDO, 2001, p. 587).

Quando se é rezado não se separa as sensações, o físico, o espiritual, as emoções e pensamentos, a dor e sofrimento do corpo. A intenção do gesto da rezadeira, a própria forma de rezar, a fé, a cura [...] Um dos fundamentos da etnocenologia, de acordo com o seu Manifesto, é a não separação do corpo e do espírito, na qual o corpo é o lugar da manifestação do desejo do espírito ou da alma [...] (AMOROSO, 2011). Corpo e alma juntos.

De acordo com Claude Lévi-Strauss (1996), no célebre texto “O feiticeiro e sua magia”, “existe, inicialmente, a crença do feiticeiro na eficácia de suas técnicas; a crença do doente que ele cura e a confiança da coletividade”. (LÉVI-STRAUSS, 1996, p. 194). Esta prática é entendida como algo que pode trazer a cura desde que haja fé, tanto por parte das rezadeiras como da parte de quem é rezado.

As histórias contadas e vividas com minha vó me faz sujeito da minha própria história, da minha fala. “... o vivido, o imaginado e o interpretado se completam num corpo único, que chamo aqui “corpo da história...” (LIGIERO, 2011, p.89) Corpo esse inscrito com narrativas do passado, que permite reinventar suas simbologias e significados dando sentido a sua performance.

Durante a experiência corporal nas vivências do grupo de pesquisa Umbigada coordenado pela professora Dr<sup>a</sup> Daniela Amoroso foram acionados disparadores criativos

(Amoroso, 2011) nas construções individuais e coletivas; como cheiro, som, pessoa, movimento, memória que nos renderam questionamentos, repertórios e inventário de movimentos para contribuir com a nossa pesquisa.

Os ritmos dos corpos, a sensibilidade, a assimilação e aproximação com os elementos que surgem na experimentação, nos dão possibilidades no que queremos/acreditamos. Esses elementos dialogam com a nossa tradição ancestral, do que está em nós, nos dando possibilidade de investigação e criação artística. Elementos que de acordo com (FALCÃO, 2009, p. 35): [...] “O corpo como construção cultural é portador de emoções, sensibilidades, sentido ético-estético resultante das relações históricas e sociais”.

A pesquisa foca o lugar da tradição ancestral, do sagrado, legitimando a arte. Durante o trajeto como artista-observador-pesquisador vou ao encontro desse universo popular que me move, vivenciando as práticas utilizadas no campo, atentando ao olhar sensível, que irá despertar o imaginário cultural e simbólico no desenvolvimento dos laboratórios de criação. Trabalhar com os gestos, oralidade e seus aspectos ligados à sua memória e ancestralidade proporcionando uma experiência investigativa, desencadeando os processos criativos em dança.

O processo de criação e investigação se dará a partir da memória corporal, dando espaço para a inventividade, valorizando os saberes da cultura popular religiosa, da tradição, fé e cura. Busco respaldo na pesquisa teórico-prática do “Jogo da construção poética” da autora Lara Rodrigues (2017). Onde trabalha a liberdade dos corpos criar por meio do improviso através dos sentidos e do que esses corpos querem dizer de forma poética, construindo relações de cena com o jogo, e sua própria dança.

Baseio-me também no estudo de Graziela Rodrigues (1997) que trabalha a construção física e simbólica atuantes nas manifestações de cultura popular brasileira, nos processos de criação corporal. Tendo como base o enraizamento, a intensidade do corpo, o tônus muscular, trabalhando as sensações e percepções simbólicas de cada corpo.

Busca-se ressignificar os gestos e a oralidade do corpo que reza e que é rezado. Vivenciar o místico/divino e toda a espiritualidade ancestral que me move. Deixar surgir o pulso para criação, despertando meus sentidos e sensações. Experimentar o sensível através de imagens e símbolos sagrados da reza. Acessar a memória para buscar minha identidade verdadeira.

Estar interessada na reza é saber que nela existe a escuta, oralidade, gestos, sons. Entender que há uma mistura de aspectos físico, espiritual e cultural envolvidos. Uma prática



que mescla elementos que podem ser configurados numa performance ritual. Propor caminhos de fortalecimento nas bases de forma poética.

Busco analisar aspectos políticos, histórico-social e cultural observando as minhas inquietações como propositoras para processo artístico em dança. Como isso me influencia? Me afeta? E como esses espaços (terreiro, barracão, rezas, comunidade) potencializam os compartilhamentos de ações que vão gerar elementos de criação no projeto. São questões que vou desvendar no meu trajeto.

O processo vai se reconstruindo, reformulando e reinventando a partir das histórias e memórias ancestrais. Então não é o ‘meu’ projeto sou eu sujeito através das minhas escolhas que vou fazer a diferença. Então pensar no meu corpo (sujeito), no espaço (terreiro) e no objeto (reza) e de como os entrecruzamentos desses lugares podem me trazer conexões/intuições que afetam o meu corpo nos processos de criação.

Desta forma, valorizar a história do meu corpo e da própria cultura a que estou inserida, incorporando as complexidades na epistemes da dança negrorreferenciada. Vivenciar a reza como performance de oralidade, traz o gesto não só como uma forma mimética, mas que tem um significado vinculado a performance, que instaura a própria performance. Ter esses saberes incluídos e reconhecidos como lugar de formação.

## REFERÊNCIAS

- AMOROSO, Daniela. **Dança educação e etnocenologia: uma reflexão sobre práticas didáticas de criação a partir das danças populares brasileiras**. 2011. Apresentação de trabalho/comunicação.
- BIAO, Armindo. **Estética Performática e Cotidiano**. In: TEIXEIRA, J. (org.), Performance & Sociedade. Brasília: TRANSE/UNB, 1996.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 10. ed. São Paulo: Global, 2001.
- DOMENICI, Eloisa Leite. **Estados corporais como parâmetro de investigação do corpo que dança**. In: V Congresso da ABRACE - Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas. Belo Horizonte/ MG, 2008.
- EIRANO, Mariza. **O Dito e o Feito: ensaios de antropologia dos rituais**. Ed. Relume Dumará – Rio de Janeiro – RJ, 2002

- FALCÃO, Inaycira. **Corpo e Ancestralidade**. Unicamp, São Paulo 2009.
- GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Assim se benze em Minas Gerais**. Juiz de Fora: EDUFJ; Mazza Edições, 1989.
- HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **O feiticeiro e sua magia**. In: Antropologia estrutural. 5. ed. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1996. p. 193-214.
- LIGIÉRO, Zeca. **Corpo a corpo: estudo das performances brasileiras**. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.
- LOYOLA, Maria Andréa. **Médicos e curandeiros: conflito social e saúde**. São Paulo: Difel, 1984. (Coleção Corpo e Alma do Brasil).
- LANDES, Ruth. A cidade das mulheres. **Youtube**, 21 de out. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zFWy3mwyRes>
- MACHADO, Lara Rodrigues. **Danças no jogo da construção poética**. Natal: Jovens escribes, 2017.
- MACHADO, Ana Maria. **Bisa Bia, Bisa Bel**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1990.
- MARTINS, Leda M. **Afrografias da Memória**. Ed. Perspectiva – SP. E Maza Edições – BH – 1997
- OLIVEIRA, Elda Rizzo. **O que é medicina popular**. São Paulo: Brasiliense, 1985
- OLIVEIRA, Elda Rizzo. **O que é benzeção**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- . QUINTANA, Alberto M. **A Ciência da benzedura: mau olhado, simpatias e uma pitada de Psicanálise**. São Paulo: EDUSC, 1999.
- RODRIGUES, Graziela. **Bailarino-Pesquisador-Intérprete: processo de criação**. Rio de Janeiro: Funarte, 1997.
- SCHECHNER, Richard. 2006. **“O que é performance?”**, em Performance studies: an introduction, second edition. New York & London: Routledge, p. 28-51.
- Reza Urbana: O ofício das benzedeiras em Salvador, BahiaBrazil. **Youtube**, 10 de ago. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wtYveKiZQxw>
- TURNER, Victor. **O Processo Ritual**. Ed. Vozes, Petrópolis – Rio de Janeiro RJ – 1974